

BIFOCAL: performance dialógica sobre o quadro relacional do espaço da Universidade

BIFOCAL: dialogical performance on the relational framework of university space

Jairo Reigis Pinto Ferreira

jairoreges@hotmail.com

Graduado em Pedagogia(UECE) e membro fundador do PesquisAtores - Grupo de Estudos e Práticas de Teatro (UECE).

Resumo:

Pelas produções científicas, o grupo PesquisAtores busca expandir suas apresentações artísticas, para que alcance outros públicos, despertando sensibilidades, como se o acontecimento estivesse diante de sua leitura e não se perdesse em uma data. Partindo dos princípios norteadores de Eleonora Fabião sobre *performance*, pela BIFOCAL é apresentada relações do eu consigo, do eu com o outro e do eu com o espaço na Universidade. Organizado em etapas, assim como na *performance*, o artigo traz os detalhes de como surgiu a proposta, em seguida, por citações e suposições de situações são apresentados tópicos de discussões e finda, com o relato de impressões dos performers.

Palavras-chave: Performance. Relação. Espaço.

Abstract:

The scientific production, the PesquisAtores group seeks to expand its artistic performances, to reach other audiences, arousing sensitivities, as if the event were before reading and not be lost on a date. Based on the guiding principles of Eleonora Fabião on performance by BIFOCAL is presented relations I can, the self and the other and I with the space at the University. Organized in stages, as well as performance, the article provides the details of how it was proposed then by quotes and situations assumptions are presented discussion topics and ends with the account of views of the performers.

Keywords: Performance. Relationship. Space.

INTRODUÇÃO

Na Universidade, assim como em qualquer espaço, existe a presença de andarilhos, que apressados ou descontraídos, perpassam vitalizando o ambiente. No entanto, nesse percurso, um quadro de relações é pintado, mesmo que não seja percebido, retratando a identidade da composição que envolve o todo. Essas relações que nortearam a realização da *performance* BIFOCAL, descrevem suas inspirações pelo eu e sua auto - relação, que assim, compõe o espaço composto por vários eus, mas que se interagem de forma de direta ou indiretamente, que RODRIGUES(1997, p. 41) explana como sendo “[...] espaço de circulação anônima, repercutindo do nível

da privacidade uma pura forma perversa e esquizoide de visibilidade social, espécie de miragem espetacular de todas as modalidades de convivência”.

A *Performance* Bifocal, surgiu como forma de recepcionar artisticamente a nova “remessa” de acadêmicos que ingressavam na Universidade Estadual do Ceará (UECE), assim como para o público veterano. Essa apresentação consistia em despertar reflexões sobre o contexto acadêmico, através do estranhamento de como os performers se apresentavam. Pela *performance*, se pretendia tratar sobre o eu e sua auto – relação, o eu para com o outro e ainda, a composição do espaço físico e geográfico da Universidade em composição nessas relações

PERÍODO EMBRIONÁRIO

A iniciativa partiu do PesquisAtores, composto por integrantes oriundos da UECE e da Comunidade e que mesmo sendo um grupo de estudos e práticas de teatro, optou pela *performance*, por seu caráter de estranhamento, como sendo definida por FABIÃO (2009) como sendo um falso problema, por uma de suas características ser, fugir das definições, para diversidade de suas manifestações. Ainda segundo a autora (2011, p. 19), pela *performance* é gerado massa de energia crítica:

Suspende valores estabelecidos e rearranja pontos de vista e sensibilidades para que se dê, me micro ou macro escala, uma revisão de modos de existências pessoais e coletivos. Ela se lança na urgência do mundo de maneira direta e imediata; inaugura outros regimes de atenção, de cognição, de convivência e de produção. Por isso o performer é um causador de estranhamento, um sensibilizador, um deflagrador do encontro do diálogo, um agente politizante. Colocado em outra maneira: a *performance* escapa da regulamentação do bom senso, vai além do conservadorismo do senso comum. Opera suspensão e recriação do sentido ao invés de manutenção e divulgação de sentidos estabelecidos. Por isso é uma cena-não-cena paradoxal que desafia classificação. (FABIÃO, 2011, pág. 19)

Para a realização da *performance*, alguns integrantes tinham mais experiência com teatro que outros, porém esse quesito não serviu como impedimento para a construção coletiva e harmoniosa de ambos, até pelo fato que nenhum havia tido experiência como performer.

Reunidos para discutir sobre suas impressões do quadro relacional existente na Universidade, o encontro foi iniciado pela leitura de um texto intitulado como O VENDEDOR DE BALÕES de autoria desconhecida. O conto apresenta um garoto negro, que acompanhava um vendedor de balões, soltar de vez em quando uns balões para atrair jovens compradores. Um detalhe

que chamou a atenção do menino foi o fato que o balão preto não era solto pelo vendedor e sua inquietação o levou a questioná-lo, se quando ele soltasse, subiria alto da mesma forma como os outros. Depois de soltar o balão preto que subiu assim como os outros, o vendedor com sorriso na voz respondeu: “Não é a cor, filho, mas o que está dentro dele que o faz subir.”

Após a leitura, foi feito o levantamento do público que “circulava” dentro da Universidade, inclusive os próprios integrantes se inseriram como pertencentes a determinados grupos e que tipo de relações eram estabelecidas. Em seguida, no auge do debate, que estava muito proveitoso, por conta do tempo, partiram para um segundo momento, que seria a exposição de partituras corporais que expressasse com base numa palavra a temática discutida e ainda fazendo uso de uma bexiga. Por partitura corporal, podemos entender, segundo as palavras de WERLANG (2010, p. 1-2) é uma organicidade do trabalho do ator, com exigência de atenção concentrada, emprego de energia criadora e constante jogo com a imaginação.

Nessa apresentação, surgiu vestígios de como seria a composição da *performance*. Cada integrante apresentou sua *performance* para que todos vissem e tirassem suas conclusões, se estaria pertinente a apresentação e em seguida, todos expuseram suas performances ao mesmo tempo.

Depois de firmado todas as propostas, era necessário um nome que pudesse contemplar todo o cenário humano que havia sido produzido. Para felicidade de todos, a primeira sugestão foi aprovada e a performance recebeu o nome de BIFOCAL, por ter uma forte abrangência com a proposta de diálogo sobre as relações na Universidade. Segue abaixo, o registro fotográfico dos performers, no encontro de debate sobre o processo criativo que culminou na *performance*:



Figura 1: Ensaio BIFOCAL. Fonte: acervo do grupo

Dentre os detalhes finais, o figurino escolhido foi o uso de blusas e calças básicas de cor preta pela sua praticidade, como pela sua intencional ideia de neutralidade. Qualquer tipo de uso de maquiagem foi desconsiderada, portanto, prevaleceu o rosto limpo. O propósito dos performers, era se abster de qualquer exclusividade, para que somado ao colorido das bexigas, pudesse surtir um efeito favorável a carga de signos da performance, em referência dialógica ao quadro relacional pertinente ao contexto universitário. A sonoplastia ficou por conta de um repertório de músicas instrumentais suaves.

Buscando se apropriar ainda mais da proposta da *performance*, foi compartilhado via *facebook*, uma imagem que pudesse fazer a alusão a ideia, que foi a seguinte:

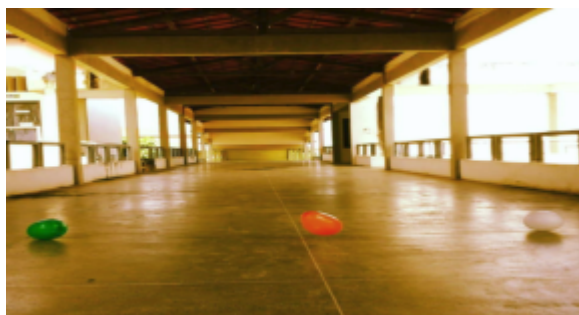


Figura 2: Imagem de circulação nas redes sociais. Fonte: acervo do grupo

Publicada no grupo do curso de pedagogia da UECE, em sua descrição constava que era uma ação do grupo PesquisAtores, para elaboração de uma performance, que essa seria apresentada na semana de integração. Descrição essa, que foi complementada com um pedido de impressões nos comentários.

No total, houve 8 comentários, o suficiente para que o grupo pudesse se articular sobre qual caminho estavam trilhando. Vale ressaltar, que dentre esses comentários, havia sete impressões femininas e uma única impressão masculina. Por terem sido poucas, se considerou relevante o registro das mesmas, para somar a produção do artigo:

“No início, me veio uma sensação de infância e depois de competição.”

“Caminho/conquista, tudo é ‘colorido’ no início e ao decorrer do caminho, até o final, vai ficando diferente.”

“Muitos passos a serem dados..., caminho, amadurecimento, aprendizagem, a minha ue-
ce..., lugar que conta em cada canto um pouco de mim. Os balões remetem a descoberta de um
mundo novo.”

“...olhando para trás e vendo todas as etapas...”

“Como se o colorido do dia-a-dia fossemos nós mesmos.”

“Apesar das dificuldades..., encontramos pelos caminhos..., aprendizagens.” (Assemelha-se
a 3º impressão.)

“...alegrias misturadas com o sentimento de trabalho cumprido!!!”

“Os balões podem expressar uma espécie de boas vindas com alegria, assim como, de um
até logo afetuoso.”

“Me fez lembrar a música: Enquanto houver sol, vida haverá...É caminhando que se faz o
caminho...” (Impressão masculina)

“...o caminho continua e a visão do horizonte somente se expande...”

No dia da apresentação, os demais integrantes do grupo PesquisAtores que não participa-
ram da performance, se dispuseram a prestar suporte se caso fosse necessário a realização da
apresentação e se posicionaram nas proximidades do lugar estabelecido.

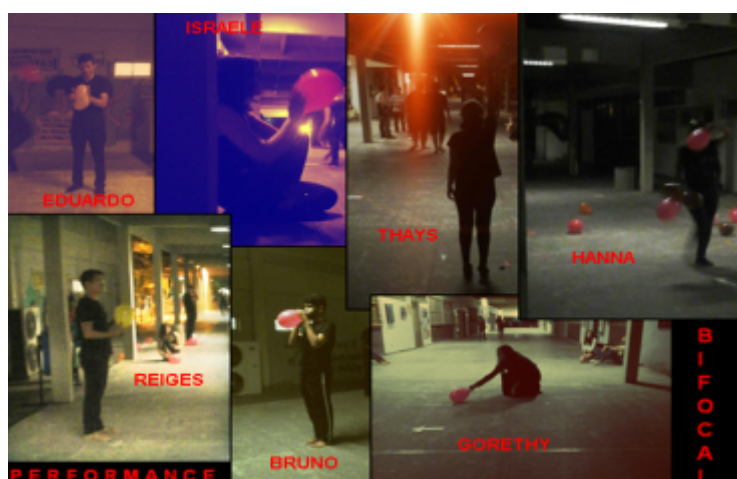


Figura 3: Apresentação da *performance*. (Montagem de fotos). Fonte: acervo do grupo

Pela grande circulação de pessoas e sendo base do ensaio da *performance*, o corredor central foi eleito como ambiente apropriado para a apresentação. Neste espaço, os performers se posicionaram distantes uns dos outros, salvo uma performer que ficava de prontidão para prestar suporte, com distribuição de bexigas aos demais, como pode ser visto na imagem a seguir:

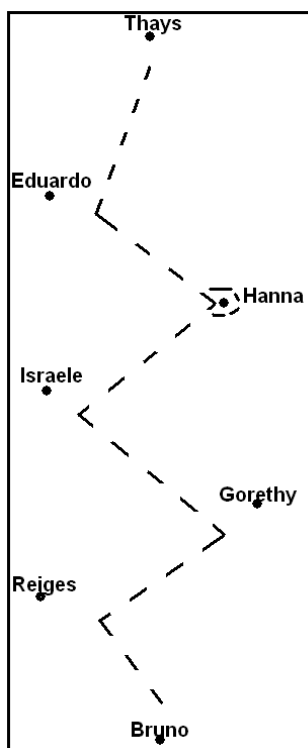


Figura 4: Sequência de postos dos *performers*. Fonte: Criação do Próprio Autor

Cada *performer* interagia de uma forma diferente com o balão, seja de que cor fosse, a reação seguia conforme combinada anteriormente, para que assim, alcançasse o público, numa perspectiva estética. O performer Bruno, enchia o balão e depois de admirá-lo, soltava diante de si. O performer Reiges, que ficou na penumbra, enchia e fixava seu olhar em alguém para estender a beixga para entregar, sem comunicação alguma e que estava ciente, que caso não recebessem, ele soltava diante da pessoa. A performer Gorethy olhava com desprezo para seu único balão que por vezes estava em suas mãos e outra, dançava diante dela. A performer Israele, tentava manter o balão distante dela e se expressava com agonia, quando percebia que os balões se aproximavam dela. Enquanto Reiges e Bruno performavam em pé, Israele e Gorethy permaneciam sentadas no chão. A função da performance Hanna era de reposição com balões aos performers, portanto es-

tava em constante movimentação e poucas vezes, ficava de prontidão no seu lugar pré - estabelecido. O performer Eduardo, enchia o balão e tentava estourar com os punhos que não era nada fácil e por último, a performer Thays que estava de cócoras, enchia o balão, se levantava com o braço erguido que estava com a bexiga o mais alto que conseguia e soltava o balão.



Figura 5: Registro final da apresentação. Fonte: acervo do grupo

O som ficou por conta de uma pequena caixa de som, que foi guardada numa pequena mochila, posta nas costas de um dos performers.

Infelizmente, a iluminação não colaborou com a apresentação, pois havia duas lâmpadas sem funcionamento e os performers que já haviam escolhidos seus locais estratégicos, não poderiam se estender pelo espaço, buscando iluminação para si, pois o suporte poderia não dar conta e assim, alguns tiveram que se posicionar na penumbra.

O EU E SUA AUTO - RELAÇÃO

Pela auto - relação do eu tratada pelos performers, os mesmos pela sua proposta, não tinham intenção de se referenciar na ideia de isolamento dentro da Universidade, mas de identificação, que segundo LARMORE (2008, p.91), essa auto - relação toma base uma busca por um auto - conhecimento. Assim, podemos considerar que pelo abraço de algumas ou repúdio de outros, lendo cartazes e às vezes, tentando acertar uma embalagem na lixeira, nesse ritmo constante de idas e vindas, o “automático”, não permite se perceber.

Pela ausência de sensibilidade para consigo, o ser humano tende a ser espectador do outro e por esse motivo, demonstra sempre interessado a opinar mesmo internamente, sobre possíveis mudanças de alguém ou de algo. Dentro do contexto da Universidade, um dos fatores dessas opiniões, poderia tanto ser pela falta de professores ou mesmo, pela discordância das paralisações em busca de efetivação docente. Por essa circunstância, podemos fazer uma alusão ao mito de Sísifo, que foi condenado a rolar eternamente um enorme bloco de pedra morro acima, para vê-lo despencar, lá do alto, morro abaixo, que pela autora PIRES (2009, p. 2), entende-se que a pedra seja uma metáfora das dificuldades.

O eu que os performers buscavam “transparecer” e “alcançar”, não era direcionado a um perfil pertencente de grupo específico, mas que tanto poderia ser o “tio” que vende tapioca, como o professor que busca estacionar seu carro em local visível ou mesmo, o aluno que enfrenta uma fila da xerox ou uma estudante de ensino médio que veio conhecer a Universidade que pretende ingressar.

Esse eu em seu percurso, observa os outros e analisa o espaço. Pouco se importa consigo, porém, outro esclarecimento que se faz necessário incluir, é que os performers, também não estão se referindo a um eu individualista. O eu tratado é aquele que busca administrar sua autenticidade, em meio ao sistema de vida apressado e cheio de preocupações, resumindo: sem tempo.

Dentre tantos “eus” citados, existe um outro que neste exato momento, mesmo não fazendo parte da Universidade, se torna conhecedor das muitas personalidades existentes neste contexto, pela leitura desta produção. Portanto, o conceito de eu, explanado pela *performance* BIFOCAL é bem amplo, que mesmo tratando das particularidades de cada indivíduo que tenha um vínculo com a Universidade, reverbera em outros “eus” que de algum forma, compõe outros contexto de espaço.

Pela existência desse eu, o outro se torna visível e que na apropriação do espaço, suas potencialidades vão aflorando em um ritmo que muitas vezes é imperceptível, como afirma SILVA (2009, p.95):

Porque a partir do momento em que o “eu” descobre o “outro” não há mais como fugir, precisam-se um do outro para existir, pois não há um sem o outro. Não há mais como negarem-se, estão diante um do outro, não tem volta, e a partir desse momento estão expostos ao mundo real e fatídico. E o “eu” se materializa diante do “outro”, ambos tornam-se reais, suas existências começam ali, não têm como recuar. (SILVA, 2009, pág 95)

A RELAÇÃO DO EU COM O OUTRO

Quando os performers da BIFOCAL se permitem apresentar o quadro das relações, para além do eu e sua auto - relação, os mesmos também de apropriam da relação desse eu com o outro, através da pluralidade artística da *performance*. Por ela, as relações são apresentadas fora de uma linha comunicativa comum, mas pautadas nas expressões, que antecedem qualquer comunicação vocal. Dentre elas, podemos citar o bom trato aos amigos, os cumprimentos aos colegas e a resistência aos “não - familiarizados”, que talvez por seus “estilos” de vida, acabam por ser considerados divergentes pelos grupos padronizados da sociedade, seguindo no mesmo sentido de pensamento de Sartre(1970, p. 75), quando afirma que o inferno são os outros.

Nesse viés, o discurso de respeito as diferenças se torna artificial, em meio a diversidade presente por exemplo, nas formações de turmas da graduação, onde é necessário, evitar qualquer estranhamento, para que a ordem possa continuar. Em outras palavras, se a cor do cabelo não for correspondida aos padrões ditadores da sociedade, o companheirismo dos demais colegas é meio ausente.

No entanto, é preciso considerar essa situação por outro ângulo, onde acontece resistência por parte desse eu, em consideração aos demais, em outras palavras, por mais que os demais desejem estabelecer algum vínculo, a resguarda acontece por esse eu. Mesmo por essa exemplificação, é necessário enfatizar, que essa limitação, também acontece em Centros Acadêmicos, no corpo docente, na equipe de funcionário, enfim, inúmeros grupos pertencentes a Universidade.

O fluxo de tantos eus e tantos outros se fundem e confundem pelos corredores. Alguns interagindo pelo olhar direto ou perdido, alguns oferecendo cartão de crédito ou assinatura de revistas e ainda outros pedindo informação. Uns ingressando ou aprovados em seleções, outros desligados, jubilados, abandonando. Se esse fluxo cessa, é por um cadarço que precisa ser amarrado, uma pasta que caiu, o celular que precisa de mais atenção ou uma conversa com alguém que não pode ser adiada. Passos após passos, sendo parte de uma relação que mesmo que não tenha contato, compõem a cinematografia da vida no espaço acadêmico, que com mais precisão, acontece no corredor.

Cinematografia, para SALLES(2008, p. 2), é a sucessão de imagens numa tela, termo este que pode ser disposto para ser associado à realidade. Na cinematografia da Universidade, os portadores de necessidades especiais, acabam por se deparar, por espaços sem estrutura para uma locomoção adaptada. No entanto, a maior dificuldade encontrada é o descaso das pessoas, que por conta dos seus compromissos, preferem não doar uma fração do seu tempo, para evitar atrasos e que por vezes perdidas, pretendem aliviar sua consciência, quebrando seu orgulho e se dispondo em ajudar. Salvo aqueles, que sempre estão dispostos em ajudar o próximo, que não medem esforços para dar suporte a quem precisa.

O eu de tantos outros ou os outros de tantos eus, em certas circunstâncias, apresentam vínculo em meio a infinitas possibilidades, seja pela seleção do vestibular, um relacionamento amoroso que não deu certo, relação empregatícia ou familiar. Por esses vínculos, o período na Universidade, pode contribuir para um maior fortalecimento ou afastamento, pois a rotina dispõe o acesso necessário e quem acompanha tudo isso? O espaço, que para MARIN e KASPER (2009, p. 269), apresenta a seguinte conotação:

...os espaços construídos podem significar causas do embrutecimento dos sentidos e enfraquecimento dos laços afetivos, se não se atentar para o cuidado com o desenho dos lugares habitados, as histórias de vida e as subjetividades que aí se constituem. (MARIN & KASPER, 2009, pág. 269)

O EU E O ESPAÇO

O espaço da Universidade, nada mais é que testemunha das ações ocultas ou explícitas dos indivíduos que o permeiam. Se a estrutura apresenta precariedade, que se deve, na maioria das hipóteses, pode tanto ser por falta de zelo, como realmente pelo desgaste, precisando assim, de reparos com urgência ou mesmo uma reforma. Esse bem público, construído através da arrecadação de impostos de providos e desprovidos do poder aquisitivo, ocupam e desfrutam por direito. O espaço mencionado, não é apenas representado pelo chão de concreto, mas todo o físico da Universidade.

No referido espaço, onde ocorre constantemente a circulação de pessoas oriundas da universidade e da comunidade, também circulam os felinos, que dentre os demais animais presentes no campus, são os que têm uma população mais numerosa, indo de encontro ao que SIL-

VA(2016, p. 7) diz a respeito do espaço geográfico, como sendo o resultado das relações que nele acontecem.

Por essa circulação, o espaço apresenta sua estética pela sua cinematografia vital, que deixa registros, rastros de história. Talvez o coração desenhado numa coluna, possa ser de autoria de um casal homoafetivo e que possa não significar nada para alguém ou mesmo trazer uma lembrança ruim para outro alguém e até mesmo, ser considerado um gesto de vandalismo para outro. Os rastros de expressões, por desenhos ou imagens, trazem mais tonalidade ao espaço, do um chiclete colado na parede ou tinta de caneta esparramada pelo chão. Esses rastros vão gerando interpretações sobre o espaço, que o eu e tantos ocupam como atitude de pertencimento.

Fomento de discussões, o espaço da universidade, tendo ar condicionado para uns, enquanto outros encaram a escassez até na iluminação, como sendo um reforço de apresentação de relações antagônicas. Um único espaço, dividido em tantos outros, preenchidos pela circulação de tantos, mas que no final do expediente, resta apenas o silêncio. Neste espaço de relações contraditórias, podemos considerar as palavras de Silva(2016, p. 7 - 8):

A força que move estas relações é a ação humana impregnada de interesses históricos, culturais e de poder. Estas relações espaciais são muitas vezes contraditórias porque revelam embates de poder ou embates de interesse em determinado local. (SILVA, 2016, pág 7-8)

Assim, como por quem ocupa, o espaço está sujeito a transformações. Por vez ou outra, perde memórias, quando suas placas de formatura são removidas ou se desfazem pela ação do tempo. Os manifestos inseridos em vários ambientes acabam sendo “escondidos”, por trás de uma nova “mão de tinta”.

A *performance* BIFOCAL, cumpre assim sua apresentação, tratando deste espaço que nem sempre é percebido, mas que favorece encontros, livres em arbítrio. Pela *performance*, o sentido determinista cede espaço para proposta de abstrações, fora da zona de conforto da objetividade e o lugar, se torna incomum.

CONCLUSÃO

O público, composto por uma fração significativa de alunos novatos, receosos procuravam desviar o caminho, ou mesmo passar nas laterais da *performance*, mas a maioria, seguiu normalmente. Alguns passavam desconfiados, outros observavam cada performer e ainda arriscavam estabelecer um diálogo, mas sem sucesso, devido o combinado entre os performers de não interromper sua apresentação e assim, o suporte prestaria o auxílio necessário diante de possíveis insistências.

Algumas pessoas receberam balões, outras estouraram com as mãos ou pisando em cima, outras tentaram entender para ajudar. O público interagiu de diversas formas, sendo algumas previsíveis para os performers, outras que vieram a surpreender.

Na análise pós - apresentação, os performers se sentiram contemplados pela reação do público, diante do seu estranhamento para com a *performance*. Dentro de uma visão geral, o grupo PesquisAtores concluiu que a repercussão da performance, resultaria numa série de indagações sobre a intenção da apresentação e assim, mesmo que minimamente, o quadro relacional estaria inserido.

Alguns depoimentos dos performers foram selecionados como pertinentes para complementação do artigo, por apresentarem suas considerações sobre a experimentação com uma modalidade artística que nunca tiveram acesso: a *performance*.

Segundo Hanna, a experiência foi inovadora, pois tinha percebido que a arte é possível ser feita por todos que desejam fazer arte, “assim como eu que fiz e fiquei muito feliz”, ressalta ela. Já Israele, considerou a *performance* como um marco em sua história de estudante de química, pois jamais se imaginou fazendo algo que fosse fora do contexto das ciências exatas. Bruno, por sua vez, se sentiu realizado em desenvolver um trabalho que pudesse fazer refletir, através do estranhamento.

Dentre todos que participaram do processo, apenas os três mencionados, se dispuseram a uma entrevista para relatar sua experiência com a *performance*. Pela entrevista, foi constatado que os mesmos chegaram em um denominador comum, sobre o conceito de performance, com base na apresentação que realizaram. O denominador comum seria, que pelo teatro, as temáticas normalmente são abordadas de forma didática ou possuem prováveis respostas, enquan-

to pela performance, a capacidade de abstração se torna mais livre, mas sensível e que traz identificação.

Referências

Autor Desconhecido. **O vendedor de balões.** Disponível em: <<http://www.mundodasmensagens.com/mensagem/reflexao-o-vendedor-de-baloes.html/>> Acesso em: 26 de Julho de 2016, às 19h19min.

FABIÃO, Eleonora. **Definir performance é um falso problema.** 2009. Caderno 3: Diário do Nordeste. Entrevista concedida a Fábio Freire.

FABIÃO, Eleonora. **Fricções entre dança e performance.** 2011. Olharce, a revista de dança do Ceará. Entrevista concedida a Thays Gonçalves.

LARMORE, Charles. **As práticas do Eu.** São Paulo. Loyola. 2008

MARIN, Andréia Aparecida; KASPER, Kátia Maria. **A natureza e o lugar habitado como âmbitos da experiência estética: novos entendimentos da relação ser humano - ambiente.** Educação em Revista. V. 25. N. 02. Belo Horizonte. Minas Gerais. 2009.

PIRES, M. S.. **A pertinência de Sisifo: e tudo começa de novo.** O Marrare, v. 01, p. 10, 2009.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação.** Lisboa: Presença, 1997.

SARTRE, J.-P. **Peça teatral: HuisClos (Entre quatro Paredes).** Paris: Gallimard, 1970.

SALLES, F. M. **Princípios de cinematografia.** 2008 <http://www.cinema.seed.pr.gov.br/arquivos/File/PrincipiosdeCinematografia.pdf> Acessado em: 03/08/2016 - Às 14h55min

SILVA, Kuhn Rodrigo. **A evolução do conceito de espaço geográfico.** Programa de pós graduação em geografia (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil. Disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/5199.pdf>> . Acesso em 27 de Julho de 2016

WERLANG, Cristiane. **A partitura como base para a improvisação: descrição de um processo de criação.** In: VI Congresso Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2010, São Paulo - SP. A Partitura como base para a improvisação: descrição de um processo de criação, 2010.

Artigo submetido em 26/09/2016, e aceito em 14/03/2018.